ISSN: 2358-8829

A REGRA MONÁSTICA E O PENSAMENTO HISTÓRICO CRÍTICO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Rebeca de Oliveira Soares[1]
Marcos Oliveira de Queiroz[2]

INTRODUÇÃO

A sala de aula é um espaço de disputas de narrativas que muitas vezes reproduzem discursos cis-heteronormativos trazidos pelos alunos e pelas alunas de seus diversos contextos sociais. Diante disso, esta pesquisa investiga as potencialidades de uma proposta didática que usa uma Regra Monástica como fonte histórica em sala de aula, de modo a evidenciar a historicidade das normas impostas aos corpos e comportamentos, e consequentemente ao gênero e a sexualidade que também são construídos historicamente.

Fundamentada em um ensino crítico de História para o Ensino Fundamental – Anos Finais, a pesquisa compreende que o trabalho com fontes históricas favorece a consciência histórica dos e das estudantes. Assim, com a análise da Regra Monástica, especificamente a chamada *Regra de São Bento*, a pesquisa buscou ampliar a compreensão dos alunos e das alunas sobre questões de gênero e sexualidade, estimulando reflexões críticas sobre suas construções históricas.

Esse trabalho possuiu uma abordagem qualitativa, com diagnóstico do contexto escolar a partir da aplicação de oficinas pedagógicas e aplicação de atividades com estudantes do oitavo ano do Ensino Fundamental – Anos Finais. Dessa forma, mesmo com a relutância de alguns alunos e de algumas alunas em tratar temáticas sobre gênero e sexualidade, buscou-se partir do diálogo e de uma leitura crítica da Regra Monástica, provocando nos estudantes e nas estudantes uma leitura sensível sobre a fonte em questão, bem como contribuir com a desconstrução de perspectivas deterministas sobre gênero e sexualidade trazidas para a sala de aula.

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, derebecaoliveirasoaresso@gmail.com;
[2] Professor do Departamento de História (DH) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, SP. Mestre em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Especialista em Educação, Cultura e Linguagens pelo Instituto Federal da Bahia (IFBA), Campus Eunápolis. Licenciado em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XVIII, Eunápolis. E-mail: marcos.queiroz@uesb.edu.br.

Para isso, Butler (2024) e Louro (2003) contribuem para discussões sobre os conceitos de gênero e sexualidade. Além disso, em consonância com Dias (2011), esta pesquisa expôs breves informações sobre a *Regra Beneditina* para apresentar os principais pontos para serem trabalhados em sala de aula. No que tange ao conceito de fontes e os conceitos de consciência e aprendizagem históricas, foi realizado um diálogo entre as autores Caimi (2008), Bernardo (2009) e o autor Bonete (2013), que argumentam sobre a importância do uso de fontes históricas para o desenvolvimento de uma consciência histórica crítica entre os/as estudantes.

Assim, nesta pesquisa, baseada nos resultados das oficinas pedagógicas desenvolvidas e aplicação de atividade, verificamos que parte da turma tinha conhecimentos preexistentes sobre gênero e sexualidade, seja pelas tradições ou pelos valores adquiridos para além da sala de aula. Vale ressaltar que, baseando-nos em discussões teóricas e conceituais, nos diagnósticos das atividades, a *Regra de São Bento*, bem como outras Regras Monásticas, foi possível verificar as potencialidades de demonstrar o gênero e a sexualidade como construídos historicamente para estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, mobilizando, então, as operações mentais dos e das estudantes de pensarem, de modo crítico, tanto as construções históricas do passado quanto as formas de pensar da atualidade.

METODOLOGIA

Em relação aos caminhos metodológicos e ao uso de ferramentas para a coleta de dados, a metodologia da pesquisa consistiu em uma pesquisa-ação de abordagem qualitativa, com a utilização de alguns elementos quantitativos, como a aplicação de questionários diagnósticos. Ademais, a pesquisa foi realizada em uma escola municipalizada na cidade de Vitória da Conquista, no Estado da Bahia, com estudantes do oitavo ano do Ensino Fundamental. Os principais procedimentos e etapas foram: o primeiro contato com a coordenação da escola e a apresentação da proposta, uma aula de observação com a turma, visando conhecer os/as estudantes. Posteriormente, as duas aulas foram desenvolvidas em duas segundas-feiras intercaladas, devido às demandas da professora regente.

Na primeira aula houve a apresentação dos professores, bem como a aplicação de um questionário individual para identificar as concepções prévias dos estudantes. Logo, a aula seguiu para a apresentação dos objetivos da oficina, aproveitando o uso de imagens para analisar e explicar as diferentes expectativas e ideias que as diversas sociedades possuíam sobre o que é ser homem ou ser mulher. Vale destacar que, as fotos foram analisadas de forma crítica, explicando até mesmo as relações de poder que existiam dentro dos recortes diversos das

ISSN: 2358-8829

imagens, por exemplo, a pintura *Uma senhora de algumas posses em sua casa* (1823), de Jean Debret.

Assim, foi possível tomar como exemplo as imagens que representavam as diversas formas de ser homem ou de ser mulher, destacando as relações de poderes existentes dentro das relações sociais, abordando também a diferença entre as diversas temporalidades apresentadas nas imagens com a atualidade que os alunos possuem como referência. Cabe ressaltar que foi evidenciado para os/as estudantes não os conceitos literais de gênero e sexualidade, mas as relações e ideias da sociedade contemporânea que estão atravessadas no senso comum por esses conceitos, expondo, por exemplo, as ideias das vestimentas, as expectativas sobre os papéis domésticos, assim como os ideais sobre os papéis no ambiente de trabalho.

Na segunda aula, a princípio, foi lida e posteriormente contextualizada a fonte histórica chamada de *Regra Beneditina*, realizando leituras orientadas dos trechos previamente selecionados da fonte histórica. Além disso, foi necessário que os estudantes entendessem o que a *Regra Beneditina* significava para o período medieval antes da utilização da fonte histórica para estabelecer alguma relação com o presente, buscando evitar anacronismos entre os/as estudantes. Posterior a isso, a *Regra Beneditina* não foi utilizada para demonstrar como o gênero e a sexualidade funcionavam na Idade Média, mas a fonte foi tratada como um vestígio histórico que permite investigar formas de normatização aos corpos, aos comportamentos e às relações sociais de seu contexto específico.

REFERENCIAL TEÓRICO

A *Regra de São Bento* é uma fonte histórica de meados do século VI da Idade Média, sendo um rol de textos que possuem não somente um caráter espiritual, mas também normativos. Possui também sua importância histórica para a prática do monaquismo no passado, bem como se tornou relevante para as práticas religiosas da atualidade. Assim, Dias (2011) disserta sobre a *Regra de São Bento* que também é chamada de *Regra Beneditina*, trazendo um breve contexto histórico sobre a estrutura da fonte, debatendo também sobre a influência da regra para os adeptos ao cristianismo até os dias atuais. Embora a *Regra de São Bento*, objeto de estudo nesta pesquisa, não aborde gênero e sexualidade diretamente no conteúdo do texto, a *Regra Beneditina* apresentada por Dias (2011) possui determinados objetivos, sendo um deles normatizar os corpos, os comportamentos e as relações sociais entre os monges.

ISSN: 2358-8829

Nesse sentido, em consonância com Martino (2017), o controle de corpos, comportamentos e relações entre os monges descrito no texto da regra podem ser interpretados como relações de poder. Nas palavras do autor: "O corpo, nesta perspectiva, não é visto como algo simples, mas como resultado de escolhas que nem sempre são feitas pelas pessoas [...] o corpo ganha uma dimensão política" (Martino, 2017, p. 83). Diante disso, o caráter normativo do texto significa que a *Regra Beneditina* se torna não apenas um texto espiritual, mas também um vestígio histórico para essa pesquisa sobre a historicidade do controle sobre comportamento, corpo e relações sociais impostas aos monges beneditinos. Esse controle foi problematizado em sala, mobilizando o pensamento de suas semelhanças e diferenças às normas impostas sobre gênero e sexualidade na atualidade.

Ao tratar sobre gênero e sexualidade, Butler (2024) afirma:

> Em várias partes do mundo, o gênero é representado não apenas como uma ameaça às crianças, à segurança nacional ou ao casamento heterossexual e à família normativa, mas também como uma conspiração das elites para impor seus valores culturais a "pessoas de verdade", um esquema orquestrado nos centros urbanos do Norte Global para colonizar o Sul Global. O gênero é retratado como um conjunto de ideias que se opõe à ciência, à religião ou a ambas, ou ainda como um risco à civilização, uma negação da natureza, um ataque à masculinidade ou o apagamento das diferenças entre os sexos. Às vezes, o gênero também é encarado como uma ameaça totalitária ou como obra do demônio, e, dessa forma, disseminado como a força mais destrutiva do mundo, um rival contemporâneo e perigoso de Deus, a ser combatido ou destruído a qualquer custo (Butler, 2024, p. 15).

No entanto, quando pensamos em gênero e sexualidade nesta pesquisa, é fundamental entender que esses dois conceitos são diferentes, mas não podem ser entendidos separados, nem podem ser definidos como um mero somatório de rótulos (Louro, 2003). Na verdade, eles estão completamente entranhados um ao outro, sendo que nem o gênero nem a sexualidade são biológicos definitivos ou verdades prontas que nascem com as pessoas e ficam estáticos para o resto da vida. Pelo contrário, gênero e sexualidade são construções históricas e sociais, isto é, processos contínuos que vão se moldando ao longo do tempo nas trajetórias individuais e nas interações sociais e culturais. Conforme Louro (2003),

> [...] não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. [...] O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são "trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico" (Louro *apud* Connell, 2003, p. 22).

Desse modo, em consonância com Louro (2003), se buscou destacar aos alunos que os seres humanos não "nascem prontos", mas, a identidade, seja ela de gênero ou sexual, se

ISSN: 2358-8829

constituem e se transformam junto às experiências, na cultura, na classe social, na raça e nas relações de poder em que os indivíduos estão inseridos. Logo, "Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem" (Louro, 2003, p. 23). Dito isso, por esta razão, as imagens citadas na sala de aula não foram apenas analisadas em seu sentido literal, sendo destacado pelos professores as relações de poderes, sejam elas raciais, econômicas ou de gêneros, já existentes nas imagens e seus contextos.

Ademais, foi necessário também destacar as próprias relações desiguais que o gênero e a sexualidade encontram na atualidade, como a violência contra as pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, bem como as jornadas duplas de mulheres, a precarização de trabalhos femininos, e a pressão social imposta aos homens. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido buscou não limitar a discussão sobre gênero a um simples "papel social atribuído ao homem ou à mulher", sendo este um discurso de performance insuficiente (Louro, 2003), pois ignora a complexidade das redes de poder que causam a hierarquia entre os sujeitos. Dessa maneira, o gênero não é só um papel-social, mas ele constitui o próprio sujeito e atravessa instâncias como a justiça, a igreja, a política e a educação. Nas palavras de Louro:

> O que importa aqui considerar é que – tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento – seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade – que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação (Louro, 2003, p. 27).

Por isso, esta pesquisa se fundamentou em Louro (2003) para compreender que o gênero e a sexualidade, pois, embora conceitos diferentes, também estão se construindo historicamente e em constante mudança, alinhados ao contexto social, econômico e cultural que estão imersos. Assim, ao estarem inseridos nas relações sociais, também são atravessados por discursos, interesses econômicos, religiosos, representações, práticas e expectativas. Sob outra análise, esse trabalho entende como fonte histórica tudo o que o ser humano produziu, pensou e transformou, como moradias, textos, utensílios, depoimentos, tendo uma diversidade existencial de gêneros das fontes históricas (Bernardo, 2009). Sendo que, o trabalho com fontes históricas não pretende formar mini-historiadores, mas

> as fontes são trabalhadas no sentido de desenvolver habilidades de observação, problematização, análise, comparação, formulação de hipóteses, crítica, produção de sínteses, reconhecimento de diferenças e semelhanças, enfim, capacidades que

> favorecem a construção do conhecimento histórico numa perspectiva autônoma (Caimi, 2008, p. 141).

Ao trabalhar com a *Regra de São Bento*, a partir das oficinas desenvolvidas em sala de aula, pretendeu-se motivar e estimular os alunos a manusearem criticamente vestígios do passado humano, compreendendo a importância da história a partir da identificação da herança histórica de outras gerações (Bernardo, 2009). Assim, essa pesquisa teve como principal objetivo contribuir criticamente para a consciência histórica já existente nos alunos e nas alunas, fenômeno este conhecido como naturalmente humano por Rüsen e Heller (Bonete, 2013). Dentre tantas possibilidades, como se localizar temporalmente, ou se reconhecer como sujeito histórico, as oficinas buscaram mobilizar a noção histórico-crítica dos e das estudantes. Na relação passado e presente entre as normas impostas aos corpos, comportamentos e relações sociais, sejam elas dentro da Idade Média ou na contemporaneidade.

Além disso, a pesquisa também buscou contribuir para a percepção dos alunos da construção histórica de suas próprias perspectivas, deixando de lado pontos de vistas morais, mas destacando a necessidade de sensibilidade e aceitação do outro. Concluindo que, se as relações de gêneros e as diversas sexualidades são construídas historicamente e estão em constante mudança, isso significa que, por exemplo, nos dias atuais, pessoas LGBTQIAPN+ são a exemplificação do quão complexo e múltiplo são os gêneros e as sexualidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo dessa exposição, foi possível realizar nas duas oficinas uma comparação entre o controle normativo da *Regra Beneditina* dentro de sua temporalidade com as questões de gênero e sexualidade da atualidade, considerando cada uma em seu contexto específico. Destacando que, embora sejam temporalidades diferentes, possuem mecanismos de normatização análogos, pois, em essência, a *Regra Beneditina* e as ideias atuais sobre gênero e sexualidade possuem mecanismos de normatização para controlar os corpos sob determinados princípios e interesses ideológicos, políticos, sociais e econômicos. Nos dois dias intercalados de oficinas, em aulas geminadas, uma parte da turma se demonstrou aberta para o diálogo, enquanto outra parte possuíam determinados pensamentos que foram diagnosticados no questionário respondido na primeira aula, e tensionados ao longo das exposições. Por exemplo, dentre as principais ideias, estavam a percepção determinista quanto aos papéis sociais e como eles deveriam ser cumpridos.

ISSN: 2358-8829

No entanto, esse trabalho não buscou definir, impor ou mudar a opinião moral dos estudantes, mas contribuir para o desenvolvimento de ferramentas de análises históricas para que eles compreendessem, a partir de uma linguagem acessível, a historicidade de suas próprias concepções sobre os papéis do que é ser homem ou do que é ser mulher. Considerando esse objetivo, os resultados empíricos desta pesquisa foram retirados das respostas de dois questionários que foram realizadas em sala de aula. Isso significa que, os dados qualitativos demonstram a contribuição da pesquisa para o pensamento histórico crítico dos e das estudantes. Na segunda aula oficina, os alunos e alunas responderam um questionário investigativo que buscava sondar as opiniões dos estudantes após a aula. Outrossim, buscou-se também investigar as novas percepções dos alunos, e principalmente a mobilização de ferramentas mentais para pensar historicamente o gênero e a sexualidade a partir dos assuntos expostos na aula.

Na última questão, foi solicitado para os alunos escreverem “O que significa dizer que as ideias sobre o que é ser homem ou ser mulher são historicamente construídas?”, solicitando que eles explicassem com as próprias palavras, utilizando pelo menos dois exemplos discutidos em sala de aula. Assim, dos 23 estudantes presentes, 15 estudantes mobilizaram e associaram que “papéis historicamente construídos” significava que a sociedade construiu determinadas opiniões/regras que muitas vezes vinham do passado. Ademais, também afirmaram que apesar das regras, todos podem ser o que quiserem, associando a resposta a exemplos diversos da aula. Diante disso, seja por respostas que exemplificavam vestimentas ou comportamentos, os alunos e alunas apresentaram a ideia de mudança, bem como alguns tiveram suas ideias iniciais desconstruídas, mesmo que em partes, como, por exemplo, as perspectivas deterministas identificadas nas respostas dos questionários do primeiro dia de oficina. Além disso, obtivemos respostas que expuseram ideias sobre a falta de escolha sobre o que já nos é imposto antes mesmo de nascermos, citando também os monges como exemplo, realizando, então, a relação presente e passado.

Dessa forma, a partir da leitura dos materiais bibliográficos, da esquematização dos planos de aula, das interações com a turma, além das análises e exposições críticas, foi possível, a partir do uso das fontes, como afirmado por Caimi (2008), desenvolver determinadas habilidades com os/as estudantes do Ensino Fundamental. Além disso, suas respostas evidenciam a tentativa de mobilizar ferramentas mentais que compreendem a historicidade não somente das regras impostas aos corpos e comportamentos, mas principalmente ao gênero e a sexualidade. Assim, foi possível realizar uma abordagem crítica de humanizar tanto o sujeito

histórico, bem como contribuir, mesmo que em parte, para o pensamento histórico crítico dos e das estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Regras Monásticas, mais especificamente a *Regra Beneditina* e seu caráter normativo de regular a vida dos monges, contribuíram para os alunos e as alunas construírem um sentido histórico para as suas percepções sobre gênero e sexualidade. Assim, mesmo sendo uma proposta com percalços e dificuldades pelos estereótipos trazidos pelos alunos para a sala de aula, os dados analisados sugerem que a intervenção, embora breve, mobilizou ferramentas intelectuais que possibilitaram aos e às estudantes essa organização temporal no tempo sobre suas próprias perspectivas. Diante disso, essa pesquisa partiu da iniciativa de investigar as potencialidades da fonte histórica da *Regra Beneditina* para um ensino crítico de história sobre gênero e sexualidade. Dessa maneira, pelas respostas e justificativas produzidas após a intervenção os dados sugerem a potencialidade da fonte histórica para a contribuição do pensamento histórico crítico dos estudantes sobre gênero e sexualidade. Em síntese, mesmo com os limites dessa pesquisa, como a aplicação da intervenção em dois dias, a análise de fontes históricas, as Regras Monásticas e a *Regra de São Bento* demonstram seus potenciais para o ensino de história para esta e outras pesquisas, sob o objetivo de problematizar a historicidade das normas impostas aos corpos e comportamentos, e consequentemente ao gênero e a sexualidade.

Palavras-chave: *Regra Monástica*, Fonte Histórica, Consciência Histórica, Ensino, Sexualidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CONEDU pela oportunidade de publicar essa pesquisa. Agradeço ao meu orientador, Marcos Oliveira de Queiroz, pela paciência e pelas orientações. Ao meu pai, pelos ensinamentos e por todo o esforço, pois é também graças ao senhor que hoje posso esperançar a História como possibilidade de transformação social e desejar que a vida permita a outras pessoas conhecerem um amor e um cuidado como os seus. À minha prima Camile Bianca, que enxergou cores onde eu só via cinzas. Ao 8° ano D que, mesmo em dois dias de oficina, ficou

marcado em meu coração. Por fim, agradeço à minha família e registro aqui meu amor por vocês, que nem sempre foi dito.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, Susana Barbosa Ribeiro. **O ensino de história nos primeiros anos do ensino fundamental**: o uso de fontes. 2009. 163 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/2267. Acesso em: 10 jul. 2026.

BONETE, Wilian Junior. **Notas sobre o conceito de consciência histórica e narrativa em Jörn Rüsen e Agnes Heller**. Revista Eletrônica História em Reflexão, Dourados, v. 7, n. 14, p. 1–20, jul./dez. 2013. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/issue/view/121. Acesso em: 10 jul. 2026.

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?** São Paulo: Boitempo, 2024.

CAIMI, Flávia Eloisa. **Fontes históricas na sala de aula**: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar? Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 129-150, dez. 2008. Disponível em: https://doi.org/10.22456/1983-201X.7963. Acesso em: 10 jul. 2026.

DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho. **Quando os monges eram uma civilização...**: Beneditinos: espírito, alma e corpo. Porto: Edições Afrontamento: CITCEM, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia, religião e sociedade**: das palavras às redes digitais. São Paulo: Paulus, 2017.